

**PRÉ-COLONIZAÇÃO: UMA PALAVRA PARA DIZER A ARQUEOLOGIA DOS PRIMEIROS
CONTATOS?**

Precolonization: a word to say the archaeology of the first contacts?

Arianna Esposito

Vol. XV | n°29 | 2018 | ISSN 2316 8412



Pré-colonização: uma palavra para dizer a arqueologia dos primeiros contatos?

Arianna Esposito¹

Traduzido por Airton Pollini

Revisão técnica de Fábio Vergara Cerqueira

Resumo: Este artigo propõe reavaliar a ideia de “pré-colonização”, uma noção fundadora da literatura arqueológica sobre a colonização grega. Discutimos aqui a sua interpretação teórica e as dificuldades associadas a ela. Conceito ideologicamente carregado, especialmente na perspectiva dos estudos pós-coloniais, que inicialmente ilustra a emulação e a rivalidade entre os defensores da talassocracia fenícia e os defensores do primado dos gregos como civilizadores do Ocidente, a noção de pré-colonização permanece, em nosso ponto de vista, relevante assim como o da colonização. Ambos ilustram dois fenômenos historicamente e funcionalmente diferentes, apesar da ideia de contiguidade implicitamente induzida pelo prefixo “pré-”. Este artigo pretende ir além desta ideia, apontando as mudanças relacionais entre gregos e nativos impostas pela fundação das colônias e pelos potenciais conflitos resultantes para o controle da terra.

Palavras-chave: Pré-colonização; Colonização; Mediterraneização; Globalização; Território.

Abstract: This paper proposes to reassess the idea of “pre-colonization”, a founding notion of the archaeological literature on Greek colonization. It discusses its theoretical interpretation and the difficulties associated with it. A concept ideologically instigating, especially in the perspective of postcolonial studies, initially illustrating the emulation and rivalry between the supporters of the Phoenician thalassocracy and the advocates of the primacy of the Greeks as civilizers of the West, the notion of pre-colonization remains, in our viewpoint, relevant as well as that of colonization. Both illustrate two historically and functionally different phenomena, despite the idea of contiguity implicitly induced by the prefix “pre-”. This paper aims to go beyond this idea, by pointing out the relational changes between Greeks and Natives imposed by the foundation of colonies and the resulting potential conflicts for the control of the land.

Keywords: Pre-colonization; Colonization; Mediterraneanization; Globalization; Hinterland.

HISTÓRIA DE UMA PALAVRA: GÊNESE E RECEPÇÃO DA NOÇÃO DE PRÉ-COLONIZAÇÃO

O conceito de pré-colonização aparece com os três estudos de Alan Blakeway nos anos 30 sobre o comércio grego para o Ocidente (CASAL-LOURDIN e ROURE, 2006). O termo passou em seguida diretamente e inalterado, do inglês para outras línguas, francês, italiano ou alemão, preservando assim a mesma forma e o mesmo significado. No contexto da historiografia francesa, podemos seguir mais particularmente a evolução desta noção e sua controversa integração dentro da arqueologia da colonização grega através das interpretações de Georges Vallet. Sua reação a essa noção é desde o início muito firme e cética (GRAS, 1999)².

¹ Maître de Conférences (professora associada) d’archéologie classique à l’Université de Bourgogne – Franche-Comté, Dijon, UMR 6298 ARTEHIS, Archéologie, Terre, Histoire, Sociétés, França.

² Para uma análise detalhada da posição de Georges Vallet, resumida nas linhas a seguir, ver GRAS, 1999, com bibliografia.

Ela é minuciosamente definida no primeiro capítulo de sua tese³, na sequência de um artigo publicado anteriormente, em 1956, com François Villard: na medida em que todo o material grego encontrado no Ocidente é posterior à fundação das primeiras *apoikiai*, não há “pré-colonização”. Georges Vallet mais tarde nuançou esta posição ao reconhecer, em particular no congresso de Ísquia (1968), a existência de “contatos esporádicos anteriores”, mas rejeitando, apesar de tudo, a ideia de uma fase de relações comerciais, seguidas e organizadas, entre os gregos e as populações indígenas da Itália. Dois anos depois, no Congresso Internacional de Ciências Históricas em Moscou, Georges Vallet admite que as descobertas de Francavilla Marittima, no interior das terras de Síbaris, atestam a passagem de navios fenícios antes da colonização grega. Posteriormente, primeiro em sua conferência napolitana no Centro Jean Bérard, abrindo o simpósio sobre “Cerâmica grega ou de tradição grega no século VIII” (1976), e em seguida por ocasião do encontro salernitano em homenagem a Mario Napoli, um ano depois, ele reconhece – com as descobertas de Giuseppe Voza, no leste da Sicília, no vale de Marcellino – a existência, desde o início do século VIII, de contatos regulares entre os nativos e o mundo grego. George Vallet vai ainda mais longe em sua autocrítica, quando introduz, em um dos seus últimos escritos, uma nova distinção entre os fenômenos “pré-colonial” e “colonial”. A diferença entre estas duas situações baseia-se na própria natureza das relações entre os parceiros, de modo que os primeiros contatos e as primeiras trocas fazem parte de iniciativas individuais de *prospectors*, de comerciantes, enquanto que a fundação de uma *apoikia* envolve coletivamente toda a comunidade.

Na literatura arqueológica dos últimos cinquenta anos, com as novas descobertas, o conceito de pré-colonização amplifica e adquire gradualmente um valor cada vez mais amplo, espacial, cultural e cronologicamente, chegando até a englobar fenômenos históricos muito díspares, e mesmo muito distantes do ponto de vista espaço-temporal (ESPOSITO, 2012). Seu conteúdo torna-se estratificado ao mesmo tempo que se torna mais complexo: implica vários sentidos ou significados diferentes, resultando de desenvolvimentos teóricos relacionados aos contatos interculturais et às trocas econômicas. Se, *stricto sensu*, a palavra se refere ao período cronológico anterior à colonização histórica do Ocidente, por extensão, este termo subsequentemente designou a própria natureza dos contatos entre os gregos e os povos indígenas do Ocidente antes do estabelecimento das primeiras colônias, bem como o possível vínculo entre essas primeiras trocas e a própria colonização. A relação claramente formulada com a noção de colonização implica consequências óbvias: o prefixo “pré”- possui, então, um valor cronológico (indicando o que acontece “antes” da colonização histórica) e um valor causal. Em resumo, a pré-colonização prepara a própria colonização, em uma relação direta entre os dois fenômenos. Em outras palavras, o uso do termo “pré-

³ Tese intitulada « Rhégion et Zancle. Histoire, commerce et civilisation des cités chalcidiennes du détroit de Messine » (Bibliothèque des Écoles françaises d'Athènes et de Rome, fasc. 189, Paris : de Boccard, 1958), defendida em 1956 e publicada 1958. N.d.R.

colonização” levaria à afirmação, de maneira implícita e imprecisa, de um processo progressivo com duas fases, considerando um “antes” e um “depois”, necessariamente ligados entre si. No entanto, essas duas fases não ocorrem de forma sistemática: algumas cidades novas surgem sem que tenha havido anteriormente uma fase “pré-colonial”; por outro lado, situações convencionalmente definidas como “pré-coloniais”, envolvendo, por exemplo, a presença concomitante de gregos e autóctones no mesmo local, conseguiram se manter efetivas bem depois de uma fundação. Portanto, a pré-colonização é em si uma variável descontínua, que não é indispensável para a fundação de uma cidade e que não termina necessariamente com o (ou através do) estabelecimento de uma colônia. Assim, um contexto pré-colonial não é destinado sistematicamente a preparar a instalação estável e organizada de uma nova comunidade, nem tampouco a preparar a fundação de uma colônia. A pré-colonização difere da colonização, que implica o estabelecimento de um grupo, a fundação de uma nova cidade e a aquisição, mais ou menos rápida, da hinterlândia⁴. Portanto, a pré-colonização e a colonização são dois fenômenos diferentes, tanto do ponto de vista conceitual quanto de uma perspectiva funcional. O desenvolvimento das *poleis* é a característica distintiva da colonização, ao contrário da interação baseada principalmente na troca (DOMÍNGUEZ MONEDERO, 2008), o que não implica, contudo, que a troca se dê necessariamente em termos igualitários, nem que esse tipo de interação preceda inevitavelmente formas de contato hegemônico (ALVAR EZQUERRA, 2008). No Mediterrâneo ocidental, a Campânia parece desempenhar um papel determinante na nossa compreensão da qualificação de cada um desses dois fenômenos.

O EXEMPLO DA CAMPÂNIA: PITECUSSA E CUMAS (fig. 1)

Na Itália em particular, é o debate sobre a natureza do estabelecimento de Pitecussa que permitiu sobretudo destacar este “salto qualitativo” e funcional entre as duas fases (D’AGOSTINO, 2008). As escavações realizadas por Giorgio Buchner atestam a existência de um estabelecimento grego no Golfo antes da fundação de Cumas. O recurso ao conceito “proto-colonial” aparece assim na literatura arqueológica e histórica com o fim de diferenciar claramente o período cronológico que caracteriza Cumas do período imediatamente anterior. O horizonte pré-colonial recua então em cerca de um quarto de século, pois os achados de Ísquia fizeram a data deste período retroceder de 750 para 775 a.C. aproximadamente. Do ponto de vista arqueológico, os dados à disposição parecem indicar, desde o início, uma precedência cronológica do estabelecimento de Pitecussa em comparação com o de Cumas (para o debate sobre a cronologia, ver GUZZO, 2016; NIZZO, 2007): a primeira instalação na ilha seria datada do período entre 770 e 750 a.C.

⁴⁴ Vernaculização do vocábulo alemão *Hinterland*, literalmente “terra de trás”, que designa as terras do interior, afastadas dos centros urbanos; termo consagrado na terminologia arqueológica para se referir às terras que compunham a *chora* das *poleis* gregas, assim como as terras mais recuadas em que se assentavam as populações indígenas.

No entanto, as recentes escavações realizadas, respectivamente, pelas equipes napolitanas da Universidade Federico II (G. Greco) e da Universidade “L’Orientale” (M. D’Acunto) fizeram aparecer casas dos níveis do alto arcaísmo, que corresponderiam às primeiras fases do estabelecimento de Cumas e à primeira geração de *apoikoi*, os quais se instalaram em duas áreas: na zona que será ocupada mais tarde pelo Fórum e em um setor que se estende entre este Fórum e as muralhas ao norte da cidade. Trata-se de vestígios de edifícios construídos com paredes de ângulo reto, consistindo de uma base de pedra e uma elevação de tijolos crus, com telhado de palha. Os arqueólogos descobriram os restos desta casa contendo uma lareira composta por cinco níveis sucessivos, remanescentes da segunda metade do século VIII até o século VII, níveis ricos em fragmentos cerâmicos. Os espécimes mais antigos datam do último quartel do século VIII e poderiam até mesmo remontar ao Geométrico Recente I, o que significa terem pertencido à primeira geração de colonos. As analogias com o material de Pitecussa (principalmente no que se refere aos *skyphoi* com *chevrons*⁵ inscritos e à cerâmica de tipo Red Slip Ware⁶) sugerem possíveis importações provenientes da ilha.

No lado sul do Fórum, as escavações descobriram uma habitação de pedra, de forma retangular, de mais de 30m², caracterizada por cerâmicas que datam entre o último quartel do século VIII e o início do século VII. Além disso, a presença de um pão de bronze (2,580 kg), de escórias de ferro e de âmbar bruto sugere um uso comercial da estrutura, ou mesmo polivalente (D’AGOSTINO e D’ACUNTO, 2009).

Embaixo dos *oikoi* datados do alto arcaico e localizados no lado sul do futuro Fórum (que provavelmente substituiu a ágora grega), foram descobertas sepulturas de nativos da Idade do Ferro, algumas intactas, outras remexidas, o que de toda forma parece corroborar a hipótese de um modelo de habitat nativo organizado em núcleos dispersos. Entre os objetos mais antigos, o material cerâmico escavado inclui pelo menos: dois fragmentos de *kotylai* do tipo Aetos 666 do Geométrico Tardio I, sendo um de importação coríntia e outro produzido *in situ*; dois *skyphoi* com painel, sendo um do tipo de Thapsos, os dois produzidos em Pitecussa; um *skyphos* com *chevrons* importado, com uma bacia profunda e um lábio alto. Esse último tipo é atestado em Pitecussa por vários objetos. Cronologicamente, é colocado no final do Geométrico Médio II, ou mesmo na época de transição entre o Geométrico Médio II e Geométrico Tardio I, se seguirmos a datação proposta por Bruno d’Agostino. Estamos lidando com mobiliário residual, encontrado nos níveis de aterro? Ou com mobiliário funerário de túmulos nativos destruídos pela construção dos novos edifícios? Ou, finalmente, com a louça utilizada pelos gregos em suas casas, logo depois que eles chegaram para fundar sua nova cidade? Seguindo a hipótese apresentada por Bruno d’Agostino, a data da fundação de Cumas poderia ser mais antiga do que se pensava anteriormente (D’AGOSTINO, 2008, D’ACUNTO, 2014). A

⁵ Decoração com motivo sequenciado em forma de “v”, podendo ocorrer nos quatro sentidos (∨ | ∧ | < | >). Quando se combinam dois ou mais “v”, tem-se o motivo em zigue-zague (www). N.d.R.

⁶ Termo que designa o vasilhame que recebe um engobe vermelho antes da queima, que lhe confere o aspecto de uma louça com coloração avermelhada, de tom terroso, e com uma superfície de aparência homogênea. O engobe é uma suspensão aquosa produzida com a mistura da própria argila e minerais, para se gerar assim a coloração desejada. N.d.R.

partir de então, o caráter agrário da *apoikia* de Cumas seria ainda mais interessante, pois sua fundação poderia ser mais ou menos contemporânea à de Pitecussa. A questão é muito importante para a nossa compreensão da primeira colonização eubeia no Mar Tirreno: se Pitecussa permanece um habitat voltado para o comércio e artesanato (SOURISSEAU, 2008 e 2012), com um alto nível de *techné*, Cumas por sua vez fundamenta sua fortuna durante todo o arcaísmo sobre a posse de um vasto território fértil e o controle de uma vasta extensão marítima, da costa do Golfo de Nápoles às ilhas em sua frente. A redução do hiato cronológico entre as duas fundações parece então enfatizar aos olhos do historiador a sua possível natureza sinérgica. Em suma, os dois sítios representam dois fenômenos complementares, não muito distantes do ponto de vista cronológico, mas funcionalmente distintos.

RETORNO A UM CONCEITO

O problema entre pré-colonização e colonização não é tão terminológico quanto histórico (DE ANGELIS, 2003, 10). Precisamente porque uma não é a conseqüência direta da outra, esses dois fenômenos não são necessariamente distintos em termos de cronologia, e podem inclusive coexistir. É realmente possível que uma presença comercial seja regular na fase colonial propriamente dita, ou seja, que os locais de troca e *emporía* possam existir sem se transformarem em um verdadeiro estabelecimento colonial. A única relação plausível entre pré-colonização e colonização diz respeito, em vez disso, ao conhecimento geográfico dos locais de assentamento. A fundação de uma colônia, na verdade, não é um fato aleatório, mas é explicada por um conhecimento preciso, por parte dos recém-chegados, da região colonizada. Uma demonstração clara foi dada por Mario Lombardo sobre a Basilicata (LOMBARDO, 1986 e 1998).

Do ponto de vista cronológico, a noção de pré-colonização abarca um vasto conjunto de situações muito distintas. Sua aplicação é extremamente variável. De acordo com os autores e as regiões, abrange tanto os séculos IX e VIII, na Itália e na Sicília, quanto o século VII e a colônia de Marselha na costa mediterrânea da Gália, fundada em torno de 600 a.C. pelos colonos vindos de Foceia na Ásia Menor) (CASAL-LOURDIN e ROURE, 2006). Seguindo Sabatino Moscati e outros, também falamos de pré-colonização para designar os intercâmbios entre o Ocidente e o mundo micênico, em um período (século XIII) bem anterior àquele definido inicialmente. Em 1956, Miquel Tarradell introduziu a noção de pré-colonização para designar o período anterior à fundação das primeiras cidades fenícias nas costas do Atlântico e do Mediterrâneo central. O termo é, portanto, usado para indicar os vários fenômenos da mobilidade fenícia no Mediterrâneo (BONDÌ, 2012), movimentos que, além disso, ocorreram, é verdade, antes da colonização grega, mas também em paralelo a ela (HODOS, 2011). Em um contexto científico que opõe os partidários da “talassocracia fenícia” àqueles do primado dos gregos como descobridores do Ocidente, o termo de pré-colonização é então implicitamente investido de um novo escopo ideológico, porque designa a mobilidade dos primeiros

portadores de civilização para o Ocidente (SOMMER, 2009). Qual parte da história revela? Escrever a história da colonização grega teve o efeito de exacerbar a necessidade de questionamentos teóricos, seguindo a evolução do vocabulário utilizado, para entender melhor as relações que o presente tem com memórias imbricadas, pouco exploradas, às vezes instrumentalizadas.

DESCOLONIZAR A PRÉ-COLONIZAÇÃO

Desde os anos 90 do século passado, a palavra “pré-colonização” foi muitas vezes rejeitada ou mesmo banida por pesquisadores envolvidos em um movimento de crítica “militante” dos esquemas coloniais e da própria noção de colonização aplicada à antiguidade. No entanto, essa crítica da colonização arcaica é acompanhado por um profundo questionamento da noção de helenização e de seus pressupostos. Alguns pesquisadores até sugeriram que o vocabulário “colonial” deveria ser totalmente abandonado pela literatura arqueológica e histórica da antiguidade (OSBORNE 1998, 2005 e 2009; PURCELL, 2005, p. 134-135; HALL, 2007, p. 93-94). Essas novas questões sobre os fenômenos coloniais não são independentes da atenção dada aos contextos de convivência greco-indígena. Tomar em consideração os ambientes culturalmente mistos é de fato um dos pontos centrais dessa renovação historiográfica. Dado o atual estado dos debates, pode-se tentar seguir Robin Osborne e Nicholas Purcell e abandonar o paradigma da “colonização” para insistir em aspectos como a “mediterraneização” das elites (GARCIA e SOURISSEAU, 2010) e o desenvolvimento de uma cultura inter-mediterrânea (KISTLER, 2009). Ao se afastar das abordagens tradicionais que consideram a interação cultural no Mediterrâneo na Idade do Ferro principalmente através do prisma da colonização grega, Tamar Hodos fala mesmo de “Idade do Ferro Mediterrânea Global” (« Global Mediterranean Iron Age »: HODOS, 2009, 2010 e 2014). A organização em forma de redes, típica do Mediterrâneo durante o período arcaico, permitiria assim explicar vários aspectos da colonização grega (MALKIN, 2011). Nessa perspectiva, o conceito de “middle-ground”, que Irad Malkin toma emprestado do historiador americano Richard White, abrange tanto um lugar geográfico como um espaço político e social, em uma teia de trocas entre as sociedades antigas, uma teia estendida e estruturada em vários níveis, englobando todo o Mediterrâneo, e na qual a Campânia, em particular, oferece um exemplo relevante, em parte por seu caráter multicultural (MALKIN, 2002).

A pesquisa de campo foi acompanhada por uma revisão dos dados arqueológicos antigos. Em uma área em que os desenvolvimentos teóricos recentemente extrapolaram as sínteses arqueológicas, atualmente existem publicações suficientes que nos encorajam a revisar uma série de perguntas com um olhar renovado. O caráter dessas descobertas levanta novas questões. Devemos ir ao ponto de fazer *tabula rasa* das conquistas teóricas e das tradições intelectuais precedentes? Luca Cerchiai propôs uma abordagem crítica do *middle-ground*, enfatizando que, se existiu, deve ter sido uma fase breve e transitória na segunda

metade do século VIII (CERCHIAI, 2017). As condições violentas do assentamento grego em Cumas, tais como relatadas pelas fontes literárias, não devem ser descartadas, além disso, a chegada dos gregos pode ter implicado conflitos desde o início (MELE, 2014).

COABITAÇÃO, CONTEXTOS MISTOS, CONFLITOS: A IMPORTÂNCIA DA TERRA

Do ponto de vista histórico, a distinção entre uma fase pré- e proto-colonial e uma fase colonial permanece na minha opinião relevante, mesmo que não se admita a existência de uma ordem estritamente (ou simplesmente) cronológica. Nos contatos pré-coloniais, os grupos de indivíduos gregos estavam interessados principalmente em interagir com elementos indígenas por razões econômicas. Por outro lado, a fundação das cidades coloniais produz uma nova situação (ESPOSITO, 2012). Com efeito, os gregos da primeira fase não são necessariamente os fundadores das colônias. Podemos reconhecer, a partir das pesquisas de Laurence Mercuri (2004), os contatos dos eubeus em Canale Janchina no futuro território de Lócris (o sítio se localiza a apenas quatro quilômetros a norte da cidade colonial) (**fig. 2**). Aqui, as fontes convergem para mostrar que os contatos com os eubeus acabam no momento da expulsão dos nativos do centro do território e da escravização de muitos deles pelos colonos. O impacto da fundação colonial sobre a população nativa foi quase imediato. O fim de Canale e o assentamento de colonos em Lócris são de fato dois eventos quase contemporâneos. Portanto, não podemos excluir que estejam vinculados. O fim do habitat de Janchina corresponde a uma reorganização de toda a área. A necrópole do lugarejo chamado Stefanelli, perto de Gerace, é usada nos séculos VIII e VII, ou seja, após a fundação da colônia. Um pouco mais longe, a necrópole de S. Stefano em Grotteria é usada no século VII e no início do século seguinte. Esses dois assentamentos indígenas se inserem culturalmente na continuidade de Canale. É, portanto, muito provável que esta reorganização da rede de habitats, entre o extremo final do século VIII e o início do século VII, esteja diretamente relacionada à fundação de Lócris. No entanto, a assimilação de modelos eubeus por ceramistas nativos sugere a presença de artesãos eubeus e o contato direto entre esses artesãos e nativos no âmbito de um *emporion*. Se, finalmente, Canale Janchina não se transforma em uma *polis* eubeia é provavelmente porque a fundação de Lócris interrompe o processo no início do século VII. É, em outras palavras, a consolidação da presença grega que determina uma mudança no equilíbrio de poder em favor dos gregos e favorece o desenvolvimento de certas instalações – ao invés de outras. Certamente, é muito difícil para nós restituir a imagem do planejamento e da organização de um território nas primeiras gerações. No entanto, podemos assumir com certa segurança a expropriação progressiva da terra disponível, a integração de certas porções das comunidades locais, especialmente através de alianças matrimoniais, e a escravização de outros grupos. A fundação da *apoikia* implica a substituição de um sistema de terra por um outro (ZURBACH, 2017). Em alguns sítios, como em Mégara Hibleia em particular, a distribuição da terra é

precoce e o planejamento urbano define, desde o início, que um espaço público possa ser mantido vazio no centro do tecido urbano, sinal de uma comunidade muito bem organizada já no começo.

AS PALAVRAS CONFRONTADAS À HISTÓRIA

A questão dos contactos pré-coloniais deve, em minha opinião, ser abordada através da adoção de uma perspectiva mais ampla, ao nível de todo o Mediterrâneo, permitindo compreender o sistema de trocas e a criação de redes em áreas geográficas mais limitadas. Os ambientes coloniais gregos e fenícios têm sido discutidos isoladamente ou em oposição uns aos outros, em detrimento da nossa compreensão de ambos. Os resultados obtidos pelas pesquisas atuais sublinham a grande diversidade dos protagonistas das trocas, a complexidade das sociedades proto-históricas e o papel que elas ocupam no centro das redes de trocas. Isso implica duas ordens de conseqüências. Em primeiro lugar, uma vez admitido que os gregos (eubeus) e os fenícios obviamente compartilhavam rotas, escalas e circuitos dedicados à aquisição e à troca de recursos, de experiências artesanais e de coabitação (ESPOSITO, 2010; SOMMER, 2009)⁷, a natureza ideológica transmitida por uma pré-colonização, grega ou fenícia, abordada de forma competitiva, parece obsoleta, desatualizada. Além disso, vimos o surgimento, na literatura arqueológica, da questão de fenômenos genuínos de mestiçagem greco-indígena, cuja natureza e os modos de desenvolvimento ainda são objeto de intensos debates dentro da comunidade científica. Essa questão foi considerada em relação a vários assentamentos e em vários contextos, no sul da Itália, no sul da Gália, na Península Ibérica, na bacia do Mar Negro. Isso contribuiu para destituir a noção de pré-colonização de seu escopo implicitamente teleológico e para investi-la de um valor específico, tomado em função do contexto histórico e cultural em análise.

UM ESPAÇO DE INTERFACE: INCORONATA

Em relação à Basilicata (sul da Itália), as recentes escavações realizadas pela Universidade de Rennes 2, sob a responsabilidade de Mario Denti, em Incoronata de Metaponto, no vale inferior do Basento (a cerca de sete quilômetros da costa), marcam uma importante reviravolta das interpretações (**fig. 2**). A colina foi ocupada durante todo o século VIII por comunidades indígenas, enótrias. À primeira metade do século VIII corresponde um terreno construído com pedras grandes: com pelo menos 30 m de comprimento, ele está associado a um espaço ritual. Um outro pavimento com seixos muito finos foi construído durante a segunda metade do mesmo século, com a mesma extensão e orientação que o anterior (mas há um aumento

⁷ Michael Sommer (2009, p. 102) fala mais especificamente de uma *'composite Mediterranean network to which Phoenicians, Greeks and "indigenous" populations, settled and mobile groups, traders and producers of commodities, mercenaries and slaves each contributed to a specific extent'*.

gradual da altitude em direção oeste, enquanto o plano do solo anterior permanece uniforme em altitude ao longo de sua extensão). Os dois solos parecem ter tido uma função similar – claramente proeminente – durante todas as fases da ocupação da colina (**fig. 3**).

No início do século VII, aparecem produtos gregos, mas a fase de ocupação indígena não termina nesse momento de chegada da cerâmica grega; essa fase continua durante a primeira metade do século. Esta primeira etapa, no entanto, foi destruída para dar lugar a uma nova fase de ocupação – cujo caráter grego é agora mais evidente – datada do terceiro quarto do século. Esta é a última fase de ocupação do sítio e é caracterizada por uma fase de abandono “ritualizado”. Durante as últimas campanhas, os arqueólogos da Universidade de Rennes 2 descobriram um local de produção de cerâmica enótria (DENTI, 2012; VILLETTE 2017), caracterizado por uma jazida de extração de argila, um despejo artesanal, três poços de depuração de argila – considerados como uma unidade na cadeia produtiva –, uma foça de armazenamento e/ou trabalho de argila e três estruturas diferentes de cozimento, associadas às cerâmicas indígenas e gregas (produzidas localmente e importadas). As características culturais deste contexto de produção se revelam principalmente indígenas (enótrias), sem que elementos gregos lhes sejam estranhos, como demonstrado pela estreita associação de cerâmicas e de falhas de cozimento, tanto gregas quanto indígenas, encontradas em contextos primários (solos) e secundários (camadas de aterro, rejeitos). Os oleiros gregos e nativos trabalham juntos? As escavações realizadas pela equipe liderada por Mario Denti desenham uma nova configuração do sítio desafiando os “modelos” anteriores: não mais uma oposição, tanto cronológica quanto cultural, entre duas fases de ocupação do sítio (P. Orlandini), mas uma situação de relações greco-indígenas em constante mudança, transitórias, um “intermediário” (“entre-deux”) cuja definição buscamos, não sem dificuldade, no uso de termos como “interculturalidade”, “mistura”, “mestiçagem”, etc.

Os modelos interpretativos comumente aplicados aos períodos arcaico e clássico nem sempre são apropriados para analisar dados relacionados a situações como aquela atestada em Inconata, ou seja, contextos “intermediários” (“entre-deux”) e, acima de tudo, para compreender as fases que tradicionalmente chamamos de “pré” ou “proto-arcaico”, específicas portanto a contextos que normalmente precedem o fenômeno “colonial” propriamente dito (DENTI, 2016). A área de artesanato de Inconata, caracterizada pela co-presença de cerâmicas gregas e indígenas (essas últimas, em abundância), permite postular uma atividade conjunta de ceramistas gregos e enótrios, provavelmente durante todo o século VIII e pelo menos durante a primeira metade do século VII. É muito provável que o próprio componente grego seja heterogêneo, uma vez que a cerâmica grega local e, em particular, a cerâmica figurada, exibem um evidente ecletismo estilístico (ESPOSITO e POLLINI, 2013): além do caráter greco-insular – e mais precisamente proveniente de Paros e de Naxos –, observam-se referências aos repertórios contemporâneos greco-orientais, áticos e coríntios. Os numerosos *kantharoi* encontrados no despejo artesanal (DT1) refletem uma tradição formal aqueia (VILLETTE, 2017). Giuliana Stea (1999) considerou a hipótese de que esta seria

uma produção cerâmica destinada a um uso interno. A qualidade da cerâmica, as decorações e as iconografias selecionadas também sugerem destinatários dentre a aristocracia. O estabelecimento teria gradualmente integrado grupos indígenas em um projeto de *apoikia* em construção, um processo interrompido no entanto pela fundação da Metaponto. Incoronata é então um espaço de margens, de interface, um caldeirão (*melting pot*) entre a cultura grega e as culturas indígenas (BELLAMY, 2016). Massimo Osanna usa o conceito de crioulização para descrever o sítio e sua cultura material (OSANNA, 2012, p. 75).

Agora está profundamente enriquecido o nosso conhecimento do ambiente pré-colonial da região, de um momento da história em que ainda não há *apoikia* (ainda não há a Metaponto grega) e quando as relações entre os diferentes parceiros ainda são fluidas. O exemplo de Incoronata permite reconstruir situações de interação que escapam às leituras determinísticas usuais e permitem uma reavaliação do momento, pré- ou proto-colonial, como o encontro de parceiros e não como um confronto desigual. A fundação da colônia agrária da Metaponto, no entanto, provoca uma ruptura radical com a situação anterior, pré- ou proto-colonial, de coabitação, de “intermediário” (“d’entre-deux”). Como nos lembrou Ettore Lepore, uma *apoikia* só pode ser estabelecida na terra de outro, e na sequência de um processo de expropriação, de implantação e de dominação (LEPORE, 2000, em especial, cap. III). De fato, uma *apoikia* é um estabelecimento fundado em um território muitas vezes já habitado. A conquista de terras agrícolas pela cidade dá origem a conflitos com as populações locais – violentos em maior ou menor medida. O acesso às terras aráveis é, por conseguinte, um problema fundamental nos contatos e nas relações entre gregos e nativos.

CONCLUSÃO

As reservas colocadas quanto ao uso da palavra “pré-colonização” juntam-se finalmente àquelas expressas pela teoria pós-colonial quanto à palavra “colonização”, visando a desconstruir a ideia (o preconceito?) de um paralelismo anacrônico – e carregado de conteúdo político – entre colonizações antigas e modernas (**veja nosso artigo com A. Pollini nesse dossiê**). Essas reservas baseiam-se principalmente na natureza ideológica que permeia esses termos. Além disso, a arqueologia pós-colonial mobilizou novos modos de análise e novas categorias de interpretação (mestiçagem, hibridização, mistura, etnicidade, etc.), mais adequadas para compreender a complexidade das situações coloniais, inclusive do mundo proto-arcaico. Os exemplos mencionados aqui ilustram a reciprocidade dos primeiros contatos que levaram à formação de novas sociedades, às vezes marcadas pela mestiçagem (Incoronata, Canale-Janchina). Embora alguns exemplos de interação pacífica entre gregos e não-gregos possam ser apreendidos pela arqueologia, não devemos deduzir um modelo generalizante. Isto equivaleria a adotar uma leitura tendenciosa de eventos históricos, substituindo o modelo unívoco anterior (penetração grega) por um outro (coabitação pacífica).

Diversas variáveis e restrições, econômicas, sociais, geográficas e ambientais, condicionam a natureza, o ambiente e o quadro de contatos interculturais. As pesquisas atuais assinalam precisamente a especificidade de cada caso, em uma abordagem que visa a desconstruir a ideia de um modelo colonial uniforme e a enfatizar, ao contrário, o peso dos contextos locais. Uma colônia grega é definida tanto pela política quanto pelo território da nova cidade. A historiografia contemporânea da tradição pós-colonial – que se tornou, desde a década de 1990, uma importante tendência de pesquisa em universidades australianas, britânicas e norte-americanas – teve o mérito de enfatizar a reciprocidade dos processos de construção do encontro intercultural. Mas ao ignorar as soluções violentas, as questões de apropriação e de conquista que acompanham o processo de construção territorial das *apoikiai* – um processo que não é redutível a um longo e lento movimento de assentamento sem conflito – às vezes, essa tendência contribuiu para construir uma história do fenômeno colonial entendido como monolítico, independentemente dos atores e dos períodos considerados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVAR EZQUERRA, Jaime. “Modos de contacto y medios de comunicación : los orígenes de la expansión fenicia”. In: S. C. PEREZ, N. R. FONTANALS et X.-L. ARMADA (éds.). *Contacto cultural entre el Mediterráneo y el Atlántico (siglos XII-VIII a.n.e)*. La precolonización a debate. Madrid : CSIC, 2008, p. 19-25 (Escuela Española de Historia y Arqueología en Roma Serie Arqueológica 11).
- BELLAMY, Clement. “Pots et Melting Pot : céramiques, mixités, bricolages”. In: M. DENTI et C. BELLAMY (dirs.). *La céramique dans les espaces archéologiques « mixtes »*. Autour de la Méditerranée antique. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2016, p. 21-27 (coll. « Archéologie et Culture »).
- BONDI, Sandro Filippo. “La precolonizzazione fenicia”. In: P. BERNARDINI et P. MAURO (éds.). *I Nuragici, I Fenici e gli altri*. Sardegna e Mediterraneo tra Bronzo Finale e Prima Età del Ferro. Atti del I Congresso internazionale in occasione del venticinquennale del Museo “Genna Maria” di Villanovaforru, Sassari: Delfino, 2012, p. 41-50.
- CASAL-LOURDIN, Karina et ROURE, Réjane. “Historiographie du terme précolonisation en Italie et en France”, *European Review of History-Revue européenne d’Histoire*, vol. 13, n° 4, 2006, p. 607-620.
- CERCHIAI, Luca. “Integrazioni e ibridismi campani: Etruschi, Opici, Euboici tra VIII e VII sec. a.C.”. In: *Ibridazione e integrazione in Magna Grecia*. Atti del LIV Convegno Internazionale di Studi sulla Magna Grecia, 2017.
- D’ACUNTO, Matteo. “Cuma: continuità e trasformazioni del quartiere residenziale tra il Foro e le mura settentrionali”. In: *Immaginando Città*. Racconti di fondazioni mitiche, forma e funzioni delle città campane. Catalogo Mostra Santa Maria Capua Vetere – Paestum 2014. Nápoles: Prismi Arte’m, 2014, p. 164-167.
- d’AGOSTINO, Bruno. “Pithecusae e Cuma nell’alba della colonizzazione”. In: *Cuma*, Atti del XLVIII Convegno di Studi sulla Magna Grecia, Naples: Istituto per la Storia e l’Archeologia della Magna Grecia, 2008, p. 1-13.
- d’AGOSTINO, Bruno et D’ACUNTO, Matteo. “La città e le mura: nuovi dati dall’area Nord della città antica”, *Cuma*. Atti del XLVIII Convegno di studi sulla Magna Grecia, Taranto 27 settembre -1 ottobre 2008. Tarento: Istituto per la storia e l’archeologia della Magna Grecia, 2009, p. 481-522.
- DE ANGELIS, Franco. *Megara Hyblaia and Selinous*. The Development of Two Greek City-States in Archaic Sicily. Oxford: Oxford University School of Archaeology, 2003 (University School of Archaeology Monograph, no. 57).
- DENTI, Mario. “Potiers œnôtres et grecs dans un espace artisanal du VIIe siècle avant J.-C. à l’Incoronata”. In: A. ESPOSITO et G. M. SANIDAS (éds.). « Quartiers » artisanaux en Grèce ancienne. Une perspective méditerranéenne, Villeneuve d’Ascq: Presses du Septentrion, 2012, p. 233-256.

- DENTI, Mario. "La céramique, les contextes mixtes, les identités. Une introduction au colloque", in M. DENTI et CLEMENT BELLAMY (dirs.). *La céramique dans les espaces archéologiques « mixtes »*. Autour de la Méditerranée antique, Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2016, p. 13-19 (coll. "Archéologie et Culture").
- DOMÍNGUEZ MONEDERO, Adolfo. "Los contactos 'precoloniales' de griegos y fenicios en Sicilia". In: S. C. PEREZ, N. R. FONTANALS et X.-L. ARMADA (éds.). *Contacto cultural entre el Mediterráneo y el Atlántico (siglos XII-VIII a.n.e.)*. La precolonización a debate, Madrid: CSIC, 2008, p. 149-159 (Escuela Española de Historia y Arqueología en Roma Serie Arqueologica 11).
- ESPOSITO, Arianna. "L'Italie au cœur de la Méditerranée (VIIIe-VIIe s.) : contextes, transferts, transitions". In: R. ÉTIENNE (dir.). *La Méditerranée au VIIIe siècle av. J.-C.* Essais d'analyses archéologiques. Paris: De Boccard, 2010, p. 118-148 (Travaux de la Maison René Ginouvès, 7).
- ESPOSITO, Arianna. "La question des implantations grecques et de la pré- et protocolonisation en Italie du Sud: entre *emporía* et *apoikiai*". In: LAURIANNE MARTINEZ-SÈVE (éd.). *Les Diasporas grecques du VIIIe à la fin du IIIe s. av. J.-C.* Symposium de la Sophau, Pallas, 89, Toulouse: Presses universitaires du Mirail, 2012, p. 97-121.
- ESPOSITO, Arianna; POLLINI, Airton. "Pottery and cultural borders in Magna Graecia and Sicily". In: L. G. ANGIOZAR, M. L. GONZALEZ et M. C. LOPES (dirs.). *Actas del I Congreso Internacional sobre Estudios Cerámicos*. Homenaje a la Dra. Mercedes Vegas (Cádiz, del 1 al 5 de noviembre de 2010), Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz, 2013, p. 525-545.
- GARCIA, Dominique; SOURISSEAU, Jena-Christophe. "Les échanges sur le littoral de la Gaule méridionale au premier âge du Fer: du concept d'hellénisation à celui de méditerranéisation". In: X. DELESTRE et H. MARCHESI (dirs.). *Archéologie des rivages méditerranéens*. 50 ans de recherches (actes du colloque d'Arles, 28-30 octobre 2009). Paris: Errance, 2010, p. 237-245.
- GRAS, M. "Georges Vallet et le commerce". In: *La colonisation grecque en Méditerranée occidentale*. Actes de la rencontre scientifique en hommage à Georges Vallet organisée par le Centre Jean Bérard, l'École française de Rome, l'Istituto universitario orientale et l'Università degli studi di Napoli "Federico II" (Rome-Naples, 15-18 novembre 1995), Rome: École Française de Rome, 1999. p. 7-22 (Publications de l'École française de Rome, 251).
- GUZZO, Pier-Giovanni. *De Pithécusses à Pompéi: histoires de fondations*. Quatre conférences au Collège de France (Paris, 2014). Nápoles: Centre Jean Bérard, 2016 (Études 10).
- HALL, J. M. *A History of the Archaic Greek World ca. 1200-479 BCE*. Malden, MA: Blackwell, 2007.
- HODOS, Tamar. "Colonial engagements in the global Mediterranean Iron Age". *Cambridge Archaeological Journal* 19, 2009, p. 221–241.

- HODOS, Tamar. "Globalization and colonization: a view from Iron Age Sicily". *Journal of Mediterranean Archaeology* 23, 2010, p. 81–106.
- HODOS, Tamar. "A Phoenician past and present". *Bulletin of the Royal Institute for Inter-Faith Studies* 13, 2011, p. 23-45.
- HODOS, Tamar. "Global, local and in between: connectivity and the Mediterranean". In: M. PITTS e M. J. VERSLUYS (eds.). *Globalisation and the Roman World: World History, Connectivity and Material Culture*. Cambridge: University Press, 2014, p. 240-254.
- KISTLER, Erich. "Connected. Cultura simposiale intermediterranea e i gruppi elitari nella Sicilia arcaica". In: C. AMPOLO (éd.). *Immagine e immagini della Sicilia e di altre isole del Mediterraneo antico*. Vol. II. Atti delle seste giornate internazionali di studi sull'area elima e la Sicilia occidentale nel contesto mediterraneo, Erice 12–16 ottobre 2006, Pisa: Scuola Normale Superiore, 2009, p. 743–62.
- LEPORE, Ettore. *La Grande Grèce: aspects et problèmes d'une colonisation ancienne*. Quatre conférences au Collège de France (Paris, 1982). Nápoles: Centre Jean Bérard, 2000 (coll. « Études », 5).
- LOMBARDO, Mario. "Siris-Polieion: fonti letterarie, documentazione archeologica e problemi storici". In: A. DE SIENA e M. TAGLIENTE (éds). *Siris-Polieion*. Fonti letterarie e nuova documentazione archeologica (Colloque de Policoro, 1984), Galatina: Congedo, 1986, p. 55-86.
- LOMBARDO, Mario. "Siri e Metaponto: esperienze coloniali e storia sociale". In: E. GRECO (éd.). *Siritide e Metapontino, storie di due territori coloniali*. Colloque de Policoro 1991. Nápoles – Paestum, 1998, p. 45-65 (Cahiers du Centre Jean Bérard 20).
- MALKIN, Irad. "A colonial Middle Ground: Greek, Etruscan, and local elites in the Bay of Naples". In: C. L. LYONS e J. K. PAPADOPOULOS (éds.). *The archaeology of colonialism*. Los Angeles: Getty Research Institute, 2002, p. 151-181.
- MALKIN, Irad. *A Small Greek World. Networks in the Ancient Mediterranean*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- MELE, Alfonso. *Greci in Campania*. Rome: Scienze e lettere, 2014 (I Quaderni di Oeбалus 5).
- MERCURI, Laurence. *Eubéens en Calabre à l'époque archaïque*. Formes de contacts et d'implantation. Rome: Bibliothèque des Écoles françaises de Rome et d'Athènes, 321, 2004.
- NIZZO, Valentino. *Ritorno ad Ischia*. Dalla stratigrafia della necropoli di Pithekoussai alla tipologia dei materiali. Nápoles: Centre Jean Bérard, 2007 (Collection du Centre Jean Bérard 26).
- OSANNA, Massimo. "Prima di Eraclea: l'insediamento di età arcaica tra il Sinni e l'Agri". In: M. OSANNA e G. ZUCHTRIEGEL (dirs.). *Amphi Sirios Roas*. Nuove ricerche su Eraclea e la Siritide. Venosa: Osanna, 2012, p. 17-43.

- OSBORNE, Robin. "Early Greek Colonization? The nature of Greek settlement in the West". In: N. FISHER e H. VAN WEES (éds.). *Archaic Greece: New Approaches and New Evidence*. Londres / Swansea: Duckworth and The Classical Press of Wales, 1998, p. 251-269.
- OSBORNE, Robin. "Urban sprawl. What is urbanization and why does it matter?" In: R. OSBORNE e B. CUNLIFFE (éds.). *Mediterranean Urbanization, 800–600 BC*. Oxford: British Academy, 2005, p. 1–17 (Proceedings of the British Academy 126).
- OSBORNE, Robin. *Greece in the Making, 1200–479 BC*. Routledge History of the Ancient World. 2^a ed. Londres/New York: Routledge, 2009.
- PURCELL, Nicholas. "Colonization and Mediterranean History". In: H. HURST e S. OWEN (éds.). *Ancient Colonizations. Analogy, Similarity & Difference*. London: Duckworth, 2005, p. 115-139.
- SOMMER, Michael. "Networks of commerce and knowledge in the Iron Age: the case of the Phoenicians". *Mediterranean Historical Review* 22, 2007, p. 97–111.
- SOMMER, Michael. "Networks of commerce and knowledge in the Iron Age: the case of the Phoenicians". In: I. MALKIN, C. CONSTANTAKOPOULOU e K. PANAGOPOULOU (éds.). *Greek and Roman Networks in the Mediterranean*. Londres/New York: Routledge, 2009, p. 94-108.
- SOURISSEAU, J.-C. "La diffusion des vins grecs d'Occident du VIII^e au IV^e s. av. J.-C.: sources écrites et documents archéologiques". In: *La vigna di Dioniso: vite, vino e culti in Magna Grecia*. Atti del XLIX Convegno di studi sulla Magna Grecia. Tarento: Istituto per la Storia e l'Archeologia della Magna Grecia, 2008, p. 143-252.
- SOURISSEAU, J.-C. "Documents archéologiques et réseaux d'échanges en Méditerranée central (VIII^e-VII^e s. a. C.)". In: L. CAPDETREY e J. ZURBACH (éds.). *Mobilités grecques. Mouvements, réseaux, contacts en Méditerranée, de l'époque archaïque à l'époque hellénistique*. Bordeaux, 2012, p. 179-197.
- STEA, Giuliana. "Forme della presenza greca sull'arco ionico della Basilicata: tra *emporía* e *apoikíai*". In: M. CASTOLDI (dir.). *Koina*. Miscellanea di studi archeologici in onore di Piero Orlandini. Milan: Edizioni ET, 1999, p. 49-71.
- VILLETTE, Mathilde. *Physionomie d'un espace artisanal et processus de fabrication de la céramique à l'âge du Fer sur la côte ionienne de l'Italie du Sud : l'atelier de potiers de l'Incoronata*. Thèse de doctorat, Université Rennes 2, Rennes, 2017.
- ZURBACH, Julien. *Les hommes, la terre et la dette en Grèce. c. 1400 - c. 500 a.C.* Bordeaux: Ausonius Éditions, 2017.

FIGURAS

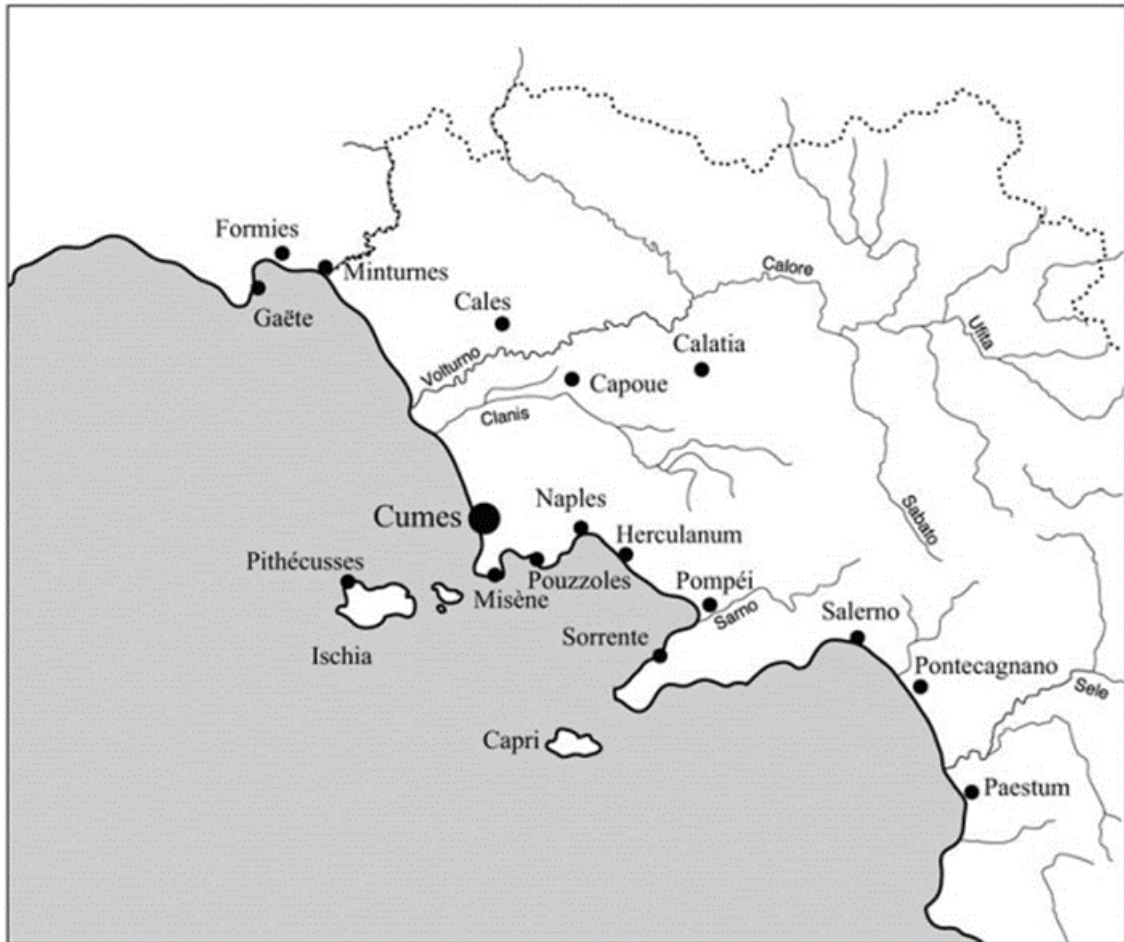


Figura 01: Mapa da Campânia. © CNRS Centre Jean Bérard.

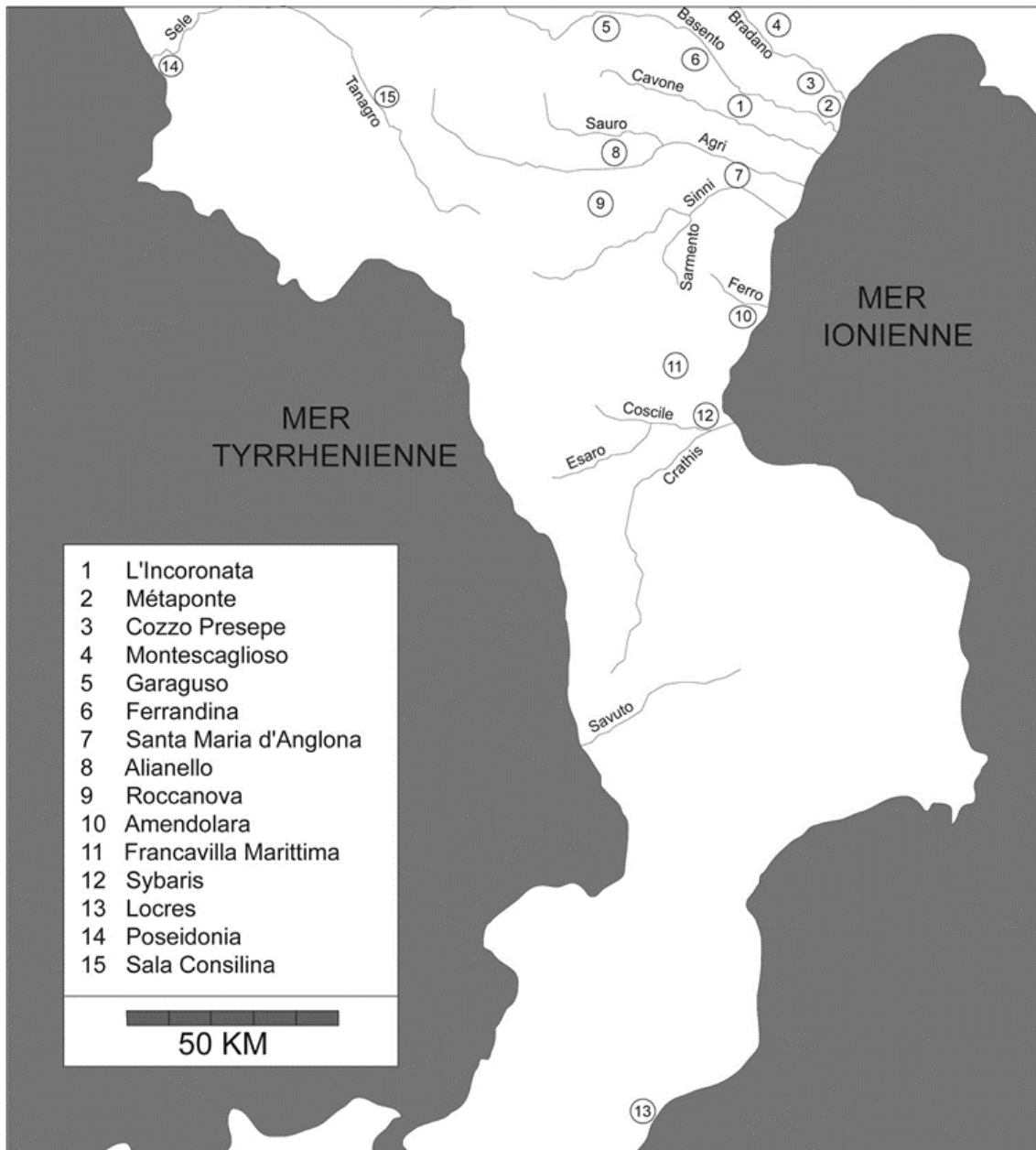


Figura 02: Mapa dos diferentes sítios da idade do Ferro no sul da Itália © C. Bellamy. **Fonte:** <http://www.sites.univ-rennes2.fr/lahm/>



Figura 03: Inoronata, Setor 1. O pavimento PV 1 no primeir plano (US 38) e o pavimento PV 2 subjacente (US 282).
Foto: M. Denti.

Recebido em: 18/09/2017

Submitted in: 18/09/2017

Aprovado em: 29/09/2017

Aproved in: 29/09/2017

Publicado em: 24/06/2018

Published in: 24/06/2018
